

“O TERRORISMO ISLÂMICO”

MARIA DO CÉU PINTO

*Professora na Universidade do Minho
Especialista em questões islâmicas*

Introdução: a al-Qaeda hoje

Não obstante os danos infligidos à al-Qaeda decorrentes da denominada “guerra contra o terrorismo”, é um facto que a divulgação da sua propaganda se tem intensificado. Importará antes de mais conferir o estatuto actual da al-Qaeda, através da sua concepção actual enquanto movimento ideológico e o que alguns denominam a “Nebulosa al-Qaeda”.¹

Apesar da al-Qaeda manter a sua operacionalidade e não poder deixar de ser encarada enquanto estrutura terrorista, o seu centro de gravidade reside na sua ideologia, pelo que se pode classificar a al-Qaeda seja como organização, seja enquanto movimento ideológico.² É o sucesso da al-Qaeda enquanto movimento ideológico que

¹ ANGELO RABASA et al., *Beyond al-Qaeda: The Global Jihadist Movement*, Santa Monica, CA, RAND Corporation, 2006.

² KAREN J. GREENBERG, *Al-Qaeda*, Lisboa, Editorial Estampa, 2007, p. 32.

lhe permite ser algo mais amplo, a “Nebulosa al-Qaeda”, na medida em que a difusão da sua ideologia propiciou a associação, ainda que, a diferentes níveis, de vários outros grupos.

Uma das características habitualmente atribuídas à al-Qaeda é a sua enorme capacidade de aprendizagem e de adaptação. Enquanto organização, esta tem sofrido diversos reveses.³ O certo é que conseguiu adaptar a sua estrutura e estratégia às dificuldades com que foi confrontada. Sendo uma organização fluida, dinâmica e orientada por objectivos, “está sempre preparada para alterar a sua estrutura de acordo com as circunstâncias”,⁴ foi capaz de manter intacta a sua ideologia e mesmo de aumentar o seu poder de atracção.

A al-Qaeda fornece “um ponto de referência ideológico que dominou a mente de inúmeros jovens e continua a fazê-lo de uma maneira muito sedutora, compulsiva e, no contexto dos nossos dias, irresistível.”⁵ A al-Qaeda “sempre foi não só uma organização hierarquicamente constituída, como um movimento e uma ideologia.”⁶ Não se deve incorrer no erro de acreditar que a al-Qaeda já não detém algumas importantes características de uma entidade organizada, com um comando central e uma estrutura de controlo,⁷ apesar de enfraquecida e reduzida como já referido.

Como Bruce Hoffman refere, a al-Qaeda “provou ser uma entidade notavelmente ágil, flexível e adaptável.”⁸ Apesar de se ter ressentido com a perda do Afeganistão”, a al-Qaeda conseguiu

³ ROHAN GUNARATNA, *No interior da Al-Qaeda, Rede Global do Terror*, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2004, p. 17.

⁴ *Id.*, p. 140.

⁵ GREENBERG, *op. cit.*, p. 14.

⁶ MAGNUS RANSTORP, “Al Qaeda – Uma Rede de Terror Disseminada?”, in *Terrorismo e Relações Internacionais*, Lisboa, Gradiva/FCT, 2006, p. 189.

⁷ BRUCE HOFFMAN, “Combating Al Qaeda and the Militant Islamic Threat”, Santa Monica, CA, RAND Corporation, Fevereiro de 2006, p. 3.

⁸ *Ibid.*

reconfigurar-se. O resultado é que existem hoje muitas al-Qaedas e não apenas uma e as ameaças que cada uma delas coloca são mais complexas.

A al-Qaeda está agora a funcionar exactamente como o seu líder e fundador a idealizou. Por um lado, fiel ao significado da sua raiz árabe (*qaf-ayn-dal*) é a “base de operação” ou “alicerce” ou, como outras traduções mais apropriadamente a descrevem, o “preceito” ou “método”, inspirando assim e motivando os muçulmanos radicalizados a juntar-se ao movimento. Por outro, continua a exercer a sua principal actividade: preparar e dirigir ataques terroristas.⁹ A capacidade da al-Qaeda é também um reflexo da sua capacidade de atrair novos recrutas e assim reconstituir os recursos dispendidos.¹⁰

A sua “capacidade de apelar aos muçulmanos, seja qual for a sua nacionalidade, o que lhe dá uma dimensão nunca alcançada”.¹¹ Actualmente, o seu maior desafio é promover e assegurar a sua durabilidade enquanto ideologia e conceito. Só conseguirá fazê-lo mantendo-se mediática e demonstrando a sua relevância enquanto defensora do mundo muçulmano. A violência continuará a ser a chave para garantir a sua presença como uma força política internacional.¹²

A alienação das populações muçulmanas no mundo ocidental é uma das componentes principais da propagação da ideologia *jiha-dista*, propiciadora de recrutamento ideológico pela al-Qaeda. À luz desta tendência, a mudança dos líderes da al-Qaeda em direcção a uma mais explícita retórica política e ideológica, parece assinalar uma tentativa directa de alargar o apelo do movimento, solicitar maior apoio material e financeiro e inspirar novos e mais devastadores ataques.

⁹ BRUCE HOFFMAN, “Islam and the West: Searching for Common Ground”, Santa Monica, CA, RAND Corporation, Julho de 2006, p. 3.

¹⁰ *Id.*, p. 8.

¹¹ GUNARATNA, *op. cit.*, p. 188.

¹² HOFFMAN, *op. cit.*, pp. 8-9.

A Internet é um factor determinante na propagação da ideologia da al-Qaeda. Esta organização é única entre os grupos terroristas no que concerne à sua utilização, na medida em que a sua liderança desde sempre explorou o potencial da Internet, utilizando-o quer para aprofundar os seus objectivos estratégicos, quer para facilitar as suas operações táticas.

A al-Qaeda actual é composta por quatro dimensões, classificadas numa ordem decrescente de sofisticação:

I. O núcleo de líderes e profissionais: trata-se do núcleo duro da al-Qaeda, o remanescente da organização da al-Qaeda do período anterior ao 11 de Setembro, o qual sofreu pesadas baixas a partir da intervenção americana no Afeganistão com a morte ou captura de vários importantes líderes e profissionais de topo. A eliminação destes elementos não tem impedido a organização de se regenerar e de substituir os elementos perdidos. O núcleo-duro continua a operar, presumivelmente a partir da fronteira do Afeganistão e do Paquistão, e continua a exercer a coordenação, se não mesmo algum comando em termos de: definição e planeamento dos ataques; direcção das actividades de vigilância e análise da informação e aprovação dos atentados. O grupo de profissionais de confiança da liderança do grupo foi o responsável pelos atentados de maior impacto, como o 11 de Setembro, o *U.S.S. Cole* (2000) e as embaixadas americanas em África (1998). Contudo, e de acordo com Bruce Hoffman, a informação para já recolhida em relação aos atentados de Madrid e de Londres é que não foram exclusivamente actos de elementos autónomos, mas que houve algum tipo de intervenção da al-Qaeda.¹³

¹³ Investigações recentes apontam para um papel da al-Qaeda nos seguintes complots: o complot de Agosto de 2006 para explodir 10 aviões em voo da Grã-Bretanha contra cidades americanas; os atentados de Londres em Julho de 2005; as duas operações falhadas em 2004 contra um *shopping center* ou clube nocturno; os ataques suicidas contra alvos económicos na baixa de Manhattan,

II. Os afiliados e associados da al-Qaeda: trata-se de grupos que se aliaram abertamente à al-Qaeda, alguns dos quais logo a partir da declaração de 1998 em que o grupo fez a sua apresentação pública (a “Declaração de Frente Internacional Islâmica para a *Jihad* Contra os Judeus e Cruzados [Americanos]”). Estes grupo recebem vários tipos de apoio da al-Qaeda, que vai da simples direcção espiritual ao treino, ajuda logística e fornecimento de dinheiro e de armas. São grupos terroristas ou insurgentes nas Filipinas, Bósnia, Cachemira, Uzbequistão, Indonésia, Iraque, Somália, Chechénia, Filipinas e Argélia. Algumas destas organizações estão totalmente integradas na al-Qaeda desde o início (como é o caso da Jihad Islâmica Egípcia de Ayman al-Zawahiri) ou integraram recentemente a al-Qaeda (como o fez, em Setembro de 2006, o Grupo Argelino Islâmico para a Prédica e Combate que, em Janeiro de 2007, mudou o seu nome para al-Qaeda no Magrebe Islâmico). Outras podem ser caracterizadas como apoiantes activas da al-Qaeda, prontas a agir em seu nome assim que lhes seja solicitado. Esta situação tem sido particularmente evidente no Norte de África, com a al-Qaeda no Magrebe, por exemplo, e com o grupo Laskar-e-Taiba no Paquistão, com o al-Itihaad no Corno de África e com a rede de al-Zarqawi no Iraque. Os grupos desta categoria exibem uma dupla natureza: estão preocupados, tanto com as *jihads* locais, como com as regionais, aparentando no entanto dar prioridade às agendas locais. Podem defender causas locais e promover, simultaneamente, os objectivos da al-Qaeda, amplificando assim a sua implantação global e a sua capacidade logística e organizacional noutras partes do mundo – a chamada *Jihad Global*.

Newark, New Jersey e Washington, D. C. V. Bruce Hoffman, “Challenges for the U.S. Special Operations Command Posed by the Global Terrorist Threat: Al Qaeda on the Run ou on the March?”, Written Testimony Submitted to The House Armed Services Subcommittee on Terrorism, Unconventional Threats and Capabilities, Georgetown university, Washington, D.C. (http://armedservices.house.gov/pdfs/TUTC021407/Hoffman_Testimony021407.pdf, p. 11.

III. Os aderentes locais: trata-se, no geral, de aderentes que tiveram alguma experiência anterior em actividades terroristas, isto é, participaram em campanhas jihadistas na Argélia, Balcãs, Chechénia, Iraque ou ainda que passaram pelos campos de treino da al-Qaeda no Afeganistão. É o caso de Richard Reid, o “terrorista das sapatilhas” (2001), e de Ahmed Ressam, implicado no “Complot do Milénio” contra alvos nos EUA (1999). Uma segunda variante, de que é exemplo o cabecilha dos atentados de Londres, que teve uma experiência de treino do Paquistão, de onde voltou com um plano de ataque e o *know-how* para o levar a cabo.

O que é de salientar é nestes elementos é o facto de terem tido algum relacionamento prévio com a al-Qaeda e/ou com bin Laden. No geral, recebem algum tipo de apoio da al-Qaeda ou de instruções que, no entanto, podem variar de acordo com as circunstâncias. Enquadram-se aqui os atentados de Londres de 2005 e muito possivelmente os de Madrid.

IV. a rede global: são os elementos radicalizados um pouco por todo o mundo (do Norte de África, do Médio Oriente, do Sul e Sudeste Asiático), ou os convertidos, preparados a cometer actos terroristas em solidariedade com a al-Qaeda e do seu programa jihadista mundial. São os elementos mais imprevisíveis e “soltos” no que se refere à organização: a sua ligação à al-Qaeda é inexistente, à excepção da inspiração que a al-Qaeda lhes fornece. Agem por sua iniciativa, em nome da ideologia da *Jihad Global*: são motivados pelo sentido de revolta contra os EUA e o Ocidente em geral (em especial no caso dos muçulmanos que vivem na Europa). Os motivos da sua indignação são a invasão do Iraque e a situação, descrita como de “opressão”, dos muçulmanos na Palestina, Cachemira, Chechénia. Encontramo-nos aqui perante grupos como o Hofstad, responsável pelo assassino do realizador holandês Theo van Gogh, em Novembro de 2004, e os chamados “bombistas dos *trolleys*”: os dois

Libaneses que colocaram bombas em dois comboios alemães, perto de Dortmund e Koblenz em Julho de 2006.¹⁴

A ameaça, pelo menos no contexto europeu, provém agora de entidades menos discerníveis e mais imprevisíveis no seio da diáspora muçulmana na Europa.

Radicalização e recrutamento para a Jihad Global na Europa

Os atentados do 11 de Setembro alteraram completamente o panorama sócio-político europeu e puseram a nu a realidade da implantação de núcleos extremistas e terroristas islâmicos na Europa. Desde o 11 de Setembro, o fenómeno da radicalização e recrutamento de elementos para a causa da *Jihad* Global tem conhecido uma evolução constante.

Os atentados terroristas de Madrid de Março de 2004 e de Londres de Julho de 2005 reforçaram a percepção que a ameaça terrorista é endógena e já não é exclusivamente obra de elementos terroristas vindos do exterior. Assim, a prevenção do terrorismo passa cada vez mais pela luta contra a radicalização violenta.

Não existem critérios definidos que permitam identificar de forma inequívoca os elementos que podem ser susceptíveis de ser radicalizados e cooptados para movimentos extremistas. Um dos aspectos mais inquietantes é que estes elementos são agora jovens árabes, oriundos da segunda ou terceira geração de emigrantes, que se sentem alienados da sociedade ocidental que os circunda. Trata-se de um fenómeno que merece a maior atenção, pois é fundamental para combater o terrorismo.

A radicalização destes jovens é dinamizada por um conjunto de factores: políticos, sócio-culturais e religiosos. Os movimentos fundamentalistas estão-se a expandir na Europa e a exercer grande

¹⁴ HOFFMAN, "Challenges for the U.S. Special Operations Command", p. 8.

atração sobre os jovens muçulmanos que estão a re-descobrir o Islão. As ideologias extremistas fazem cada vez mais adeptos entre os jovens, a começar pela idade da adolescência. O seu perfil é variado: alguns provêm de classes desfavorecidas, mas também são muitos os que pertencem à classe média e que têm um nível elevado de instrução. É de salientar o crescente fenómeno de “auto-radicalização” ou “radicalização autónoma” dos jovens, principalmente através da Internet. Enfim, na Europa têm hoje implantação muitos movimentos fundamentalistas cujo discurso pode criar o “caldo de cultura” para a radicalização e incentivo à *jihad*.

A ideologia

As ideologias que sustentam o radicalismo são o Salafismo e o Wahhabismo – são versões semelhantes de um Islão puritano, ultra-ortodoxo e radical. É importante sublinhar que poucos movimentos advogam abertamente uso da violência, mas afirmam que objectivo principal de cada Muçulmano deve ser lutar pela realização na terra de uma ordem islâmica e para tal a propagação do Islão revela-se como uma condição básica. A sua ideologia é exclusivista, intolerante, promove a separação dos Muçulmanos e mina abertamente os fundamentos da sociedade democrática e pluralista. Estes movimentos empenham-se muito na missionação e proselitismo (*dawa*) para aumentar os aderentes e re-convertar os Muçulmanos extraviados.

Na Europa, marcam forte presença alguns movimentos com esta orientação. Para as correntes mais radicais, tal esforço pode admitir a *jihad* para suprimir os obstáculos que se erguem à propagação do Islão. Consequentemente, o desafio violento ao *status quo* europeu é uma componente básica do Islamismo de carácter radical.

O Wahhabismo teve um impacto preponderante nas correntes fundamentalistas, infiltrando quase todas elas. O movimento *Takfir wal-Hijra* (“Excomunhão e Exílio”), de origem egípcia, destaca-se pela violência do seu discurso. Considera que a sociedade europeia

é *jahili*¹⁵ e, portanto decretaram a sua excomunhão (*takfir*), conceito que, no contexto do Islão, se reveste de extrema gravidade. O *Takfir* defende o afastamento radical e a ruptura face ao mundo moderno que vive na barbárie moral da *Jahiliyya*. O grupo preocupa-se apenas com a criação de comunidades isoladas, uma contra-sociedade que recrie as condições ideais da Comunidade de Medina.

De entre os vários movimentos fundamentalistas não violentas ou movimentos de missão radical, é de referir o Salafismo, a Irmandade Muçulmana, o *Tablighi Jamaat* e o *Hizb ut-Tahrir*. O Salafismo é um movimento transversal que colhe inspiração da escola jurídica hanbalita, particularmente conservadora, e na versão wahhabita do Islão saudita. Apesar de ser o mais recente na Europa, é aquele que se está a difundir mais rapidamente e a conquistar terreno aos outros movimentos. A Irmandade Muçulmana, fundada no Egipto em 1928, é a primeira “multinacional” islamista, com forte implantação na Europa.

O *Tablighi Jamaat* (“Movimento da Mensagem”) foi criado nos anos 20 por um muçulmano indiano. Tem uma forte vocação missionária e está muito difundido na Europa. Por defenderem uma religião mais rígida e rejeitarem alguns aspectos da vida ocidental, este movimento transnacional já foi acusado de fomentar um ambiente propício à divulgação de ideais mais extremistas. Estas desconfianças baseiam-se no facto de personagens como Zacarias Moussaoui ou Djamel Beghal, acusados e condenados por ligações a actos terroristas, terem passado pelo movimento antes de evoluírem para grupos defensores de uma ideologia extremista.

O *Hizb ut-Tahrir* (“Partido da Libertação”) foi criado em Jerusalém em 1952 e almeja criar o Califado Islâmico num prazo razoável. De todos, possivelmente é o que tem mais pendor para a violência,

¹⁵ De *jahilliya*, termo que designa o estado de barbárie e de ignorância da sociedade da Arábia politeísta antes da Revelação de Alá a Maomé (ano 610 D.C.). Neste contexto, designa um mundo perdido e descrente que deliberadamente ignora e rejeita a vontade divina.

embora tenha adiado a sua aplicação por considerar o momento inoportuno. É um movimento que age em grande secretismo, tem um quadro de activistas muito preparados e pratica o entrismo, colocando elementos em posições estratégicas da sociedade.

Em resumo, a importância destes movimentos é que, mau-grado diferenças de grau, são radicais porque trabalham para subverter a ordem democrática e do Estado de Direito e utilizam para tal, embora geralmente de forma disfarçada e clandestina, meios não-democráticos. Outro aspecto fundamental é que rejeitam a modernidade e pretendem promover uma Ordem Islâmica que assenta nos pressupostos das primeiras comunidades islâmicas, ao tempo de Maomé. Estes movimentos, enraizaram-se na Europa e aperceberam-se rapidamente do potencial a explorar, isto é, da posição desconfortável das minorias muçulmanas. Estes movimentos favorecem o ressentimento e a frustração destas comunidades. Esforçam-se por promover o descrédito das sociedades europeias, sublinhando a natureza hostil do ambiente europeu e explorando os sentimentos de marginalização e privação. Favorecem os aspectos de polarização, de diferença e de separação, em vez de promover a integração das minorias muçulmanas.

Alguns destacam-se pelo uso dos meios da subversão, em particular o entrismo em organizações ou meios influentes. Lutam pela Islamização da sociedade através de uma organização eficaz e dedicada que visa a criação gradual e clandestina de um sistema social muçulmano rigoroso. Muitos dos líderes não revelam a sua verdadeira filiação e o seu programa ultra-ortodoxo e passam, aos olhos da opinião pública europeia, por “moderados islâmicos”, isto é, interlocutores credíveis. Alguns tornaram-se figuras de destaque e personagens de referência. Nessa condição, têm adquirido uma certa influência política e social, quer junto da comunidade muçulmana, quer junto de líderes de opinião, políticos, jornalistas, académicos e muitos outros sectores. Contudo, a estratégia não-confessada pode ser a de abrir caminho para implantar e expandir um bloco muçulmano ultra-ortodoxo que venha a ter cada vez maior peso e

influência e que possa determinar a evolução futura das sociedades europeias.

A expansão da ideologia salafita está a avançar muito rapidamente nos países europeus. Os salafitas têm uma abordagem muito activa. São organizados e profissionais muito preparados e concentram a sua actividade junto das gerações jovens, através de palestras e reuniões em mesquitas ou em salas privadas.¹⁶

Os indivíduos susceptíveis de recrutamento

As fontes de recrutamento e os motivos para adesão são diversos. As pessoas recrutadas para a causa da “guerra santa” contra supostos inimigos do Islão são oriundas de *backgrounds* muito diversos e as circunstâncias em que ocorrem são igualmente muito variadas. Geralmente, o recrutamento é mais um processo individual do que um processo de grupo. O recrutamento tem incidido sobre Muçulmanos convertidos e adolescentes imigrantes de origem islâmica. Contudo, a novidade é que a radicalização se tornou um fenómeno autónomo, o que significa que há indivíduos que, mesmo sem influências ou a intervenção de elementos externos, aderem a linhas fundamentalistas de pensamento.

Os que abraçam a ideologia do Islão radical são cada vez mais jovens. Nalguns grupos de jovens muçulmanos, o desejo de fazer parte da *jihad* tornou-se uma componente da cultura da juventude. Mais especificamente, existe uma subcultura islâmica entre certas camadas da juventude, para quem o vestuário, os símbolos e o discurso radical são uma forma de criar um sentido de pertença e de

¹⁶ AIVD (Serviços Gerais de *Intelligence* e Segurança integrados no Ministério da Administração Interna da Holanda), relatório *The Radical Dawn in Transition: The Rise of Islamic Neoradicalism in the Netherlands*, 9 de Outubro de 2007 (em <http://www.aivd.nl/contents/pages/90181/theradicaldawnintransition.pdf>).

expressir uma identidade social própria. Uma das características marcantes desta cultura é o seu fascínio pela violência, através da procura de material diverso, seja com a Internet ou com cassettes vídeo que contêm cenas de guerra. Em parte, esse comportamento explica-se como uma forma de afirmar-se no grupo e de impressionar. Os elementos jovens e educados, motivados pelo desejo de descobrir e reafirmar as suas identidades, também querem experimentar novos desafios. É também uma forma de provar sua masculinidade. A atracção pela *jihad* violenta é frequente entre os elementos com maior grau de educação. Um facto novo, é que também as mulheres são atraídas pela *jihad*, embora para já não desempenhem um papel importante nos processos de recrutamento.

Pode-se distinguir três categorias de recrutas. Em primeiro lugar, os convertidos, imbuídos por um zelo religioso de neófitos, típico do Islão, têm-se demonstrado adeptos de adesão e apoio à *jihad*. Há numerosos exemplos de convertidos que se dedicaram à *jihad*, envolvendo-se em actividades que vão do treino à participação em actos terroristas. Os convertidos ocidentais têm grande valor dado que podem operar sem levantar o mesmo nível de suspeita dos muçulmanos. É o caso de David Hicks, um Australiano de 28 anos que lutou ao lado dos Taliban no Afeganistão e que foi recentemente libertado de Guantánamo. Outro é Richard Reid, o inglês de origem jamaicana, conhecido como o “terrorista das sapatilhas” acusado de tentar fazer explodir o avião em viagem sobre o Atlântico deitando fogo às sapatilhas. Actualmente, um dos mais conhecidos é Adam Gadahn ou Azzam al-Amriki (originalmente Adam Pearlman), um americano que tem participado na elaboração dos vídeos da al-Qaeda, fazendo a tradução para inglês e aproximando o discurso da organização ao gosto ocidental. Dois dos três suspeitos de atentados em preparação na Alemanha, capturados em Setembro passado, eram alemães convertidos. Estavam a preparar “ataques massivos”, incluindo atentados contra a base americana de Ramstein, o aeroporto de Frankfurt e bares e clubes frequentados por pessoal americano.

O segundo grupo é constituído por imigrantes recentemente chegados à Europa. São pessoas que adquiriram recentemente o estatuto de residentes ou uma autorização de residência temporária ou ainda pessoas que residem de forma ilegal. A maior parte tem dificuldades com a língua. As suas fontes de rendimento não são regulares e provêm de diversas fontes.

A terceira categoria é uma mescla de imigrantes jovens – especialmente adolescentes – de segunda e terceira geração, nascidos e criados nos países europeus ou que vieram para a Europa em tenra idade. A maior parte do grupo que perpetrou os atentados de Londres, em Julho de 2005, pertence a esta categoria. No caso inglês, devido a padrões de imigração do país, a maior parte era de origem paquistanesa, mas, noutros países, muitos são marroquinos ou provêm no Norte de África. Estes indivíduos têm um conhecimento bom ou razoável da língua europeia, mas têm dificuldades em falar Árabe. O nível educacional deste grupo varia muito: pode incluir pessoas com um nível de formação elevada (estudantes na fase pré-universitária, estudantes universitários ou licenciados, especialmente com formação em áreas técnicas) ou pessoas com um baixo nível de educação. Uma característica importante destes Muçulmanos de segunda e terceira geração é que sentem de forma profunda a falta de respeito da sociedade envolvente em relação ao seu *background* religioso e étnico. Esta percepção de discriminação é um factor fundamental na radicalização. Ela cria a ruptura entre estes elementos e a sociedade europeia, levando ao isolamento destes indivíduos e sua imersão no ambiente dos movimentos radicais.

Nalguns casos, esta consciência resulta de vivências concretas; noutros, são os recrutadores a fomentá-la. Numa situação destas, o jovem radicalizado vê-se interpelado a participar numa luta entre o Bem (o Islão ameaçado) e o Mal (os seus inimigos), o que tem o efeito de dar um sentido, direcção e identidade. O Islão apresenta-se como a solução miraculosa e total para os seus problemas existenciais e uma razão para viver.

identificaram a função chave de alguns pregadores islamistas na disseminação da doutrina da *Jihad Global* e na legitimação de alguns actos terroristas.

Uma vez identificados, os recrutas são submetidos a “lavagens ao cérebro” e alguns, especialmente os imigrantes desenraizados, são isolados dos seus anteriores companheiros e mesmo da família e é-lhes ministrada formação religiosa intensiva e doutrinação que os torne receptivos à ideia de imolar-se na *jihad*. No seu processo de recrutamento, os aliciadores submetem ainda os recrutas a sessões contínuas de visionamento de vídeos e material filmado onde são mostradas imagens de Muçulmanos perseguidos e em situações de sofrimento, bem como de guerrilheiros muçulmanos em acções de guerra, geralmente envolvidos em actividades sangrentas. Muitas vezes estes são seleccionados para aprofundar a sua educação religiosa nas escolas corânicas (*madrassas*) do Paquistão ou para receber treino para-militar.

Na segunda fase, predomina a forma de recrutamento indirecto, sobretudo através da Internet, com a “auto-radicalização” ou “radicalização autónoma”. Os novos recrutas continuam a ser arrolados nas mesquitas ligadas a correntes extremistas. Actualmente, devido à vigilância exercida sobre as mesquitas, os imãs já não são os agentes recrutadores, mas sim extremistas que se movem nas margens das mesquitas. Recentemente, também se evidencia que os extremistas estão a abandonar as mesquitas e conduzem as suas actividades em residências privadas ou outras instalações de forma a evitar a sua detecção. Nos processos de radicalização, continuam a ser importantes os líderes espirituais extremistas e os mentores pessoais.

Nalguns casos, a preparação do candidato passa pela acção condicionante do grupo. Os mentores podem identificar no seio de grupos mais amplos os indivíduos susceptíveis de radicalização, e depois separá-los para “prepará-los” em grupos pequenos de forma a maximizar o efeito: “Nas fases iniciais, as conversas podem centrar-se em temas como o comportamento próprio de um bom

Muçulmano e como evitar as drogas e a delinquência, sem conotações com assuntos radicais. Gradualmente, os indivíduos podem ser expostos à propaganda acerca das injustiças infligidas aos Muçulmanos por todo o mundo e os conflitos internacionais em que os Muçulmanos estão envolvidos, que são interpretados como exemplos de guerra generalizada contra o Islão; os líderes do mundo muçulmano são descritos como corruptos e não-islâmicos; algumas políticas são usadas como “provas” da perseguição do Islão; e muitas teorias da conspiração à mistura. Passam então àquilo que os extremistas chamam justificação religiosa para a *jihad* violenta no Alcorão e nos *hadiths* ... e, – se a intenção são os ataques suicidas – a importância do martírio como forma de demonstração da fidelidade ao Islão e as recompensas para os mártires no Paraíso, antes de convidar directamente o indivíduo a cometer actos de terrorismo. Não há provas de que os indivíduos sejam forçados a fazê-lo. Em vez disso, os extremistas parecem que confiam no desenvolvimento deste compromisso por parte do indivíduo e na acção e solidariedade de grupo.”¹⁸ O recrutamento incide sobretudo em jovens impressionáveis e facilmente manipuláveis, revoltados contra a tirania, a injustiça do mundo e a opressão dos Muçulmanos, ou muito simplesmente por outras situações de fracasso pessoal.

No recrutamento indirecto não existe, pelo menos na fase inicial, um contacto ou interacção directa entre a entidade recrutadora e o elemento a recrutar. A Internet tornou-se um novo meio de recrutamento e treino dos novos elementos e de captação de fundos. No entanto, o relatório *UE Terrorism Situation and Trend Report* constata o declínio da utilização de websites por terroristas islâmicos, na medida em que estes são facilmente “fechados” por *hackers* ou agências de segurança. Os fóruns on-line representam uma forma de difusão de propaganda mais segura, com um público-alvo mais

¹⁸ Honourable House of Commons, *Report of the Official Account of the Bombings in London on 7th July 2005*, pp. 31-32 (em http://news.bbc.co.uk/2/shared/bsp/hi/pdfs/11_05_06_narrative.pdf).

definido e oferecem detalhes sobre o acesso a ficheiros guardados em sites de armazenamento livre.¹⁹

Os jovens fazem a auto-aprendizagem com recurso a manuais de guerra terrorista disponíveis *online* e gravações em vídeo ou CDs. Estas gravações potenciam sentimentos de raiva, pois ilustram situações de Muçulmanos oprimidos, ou exaltam as virtudes heróicas dos jihadistas. Muitos recrutas encontram depois a forma de viajar para o exterior, geralmente para o Paquistão, para completar o seu treino a nível operacional.

O contexto português

Até ao momento, parecem não ter sido recolhidos indícios da existência de em Portugal de grupos terroristas de matriz islâmica ou de actividades preparatórias de atentados. Não se verificaram, até ao momento, as condições que em outras sociedades facilitaram a formação de agrupamentos radicais. Mais do que ser alvo de uma ameaça concreta ou local de preparação de atentados, o nosso país tem sido uma plataforma para actividades de grupos radicais. Existem estruturas e condições propícias ao apoio logístico a indivíduos suspeitos de envolvimento em atentados ou de pertencerem a grupos terroristas. Esse factor aumenta o risco de poderem vir a ser desenvolvidas outras actividades, como o recrutamento de membros para a formação de células locais.

Existem indícios que apontam para a passagem de extremistas pelo país e que tem sido usado por extremistas islâmicos para fins logísticos, de financiamento e mesmo de doutrinação. Portugal pode ser utilizado como base de residência temporária, uma espécie de

¹⁹ *UE Terrorism Situation and Trend Report*, Europol, Holanda, Março de 2007 (em http://nefafoundation.org/miscellaneous/FeaturedDocs/Europol_TrendReport.pdf), p. 25.

porto de abrigo, tendo em conta a pacatez do país, assim como a ligação fácil a Espanha e, daí, para o resto da Europa.

Há dados que referem a presença no país de elementos que gravitam em torno de imigrantes paquistaneses e magrebinos aqui estabelecidos há menos tempo, constituindo pequenos focos de radicalismo político e religioso. O Relatório de Segurança Interna de 2002, referia “indícios consistentes” de um “proselitismo de recrutamento que justifica acompanhamento”.²⁰ Estes criaram nos últimos anos novas salas de culto que estão fora da alçada da comunidade islâmica: não existe qualquer controlo sobre o tipo de discurso aí praticado e as ideias defendidas. Existem, aliás, suspeitas de eventuais tentativas de aproximação dos extremistas às comunidades islâmicas. Algumas destas pessoas possuem uma alargada rede de contactos no exterior.

Por outro lado, Portugal é muitas vezes referido com ligação a actividades criminosas, como actividades de financiamento (roubos, tráfico de estupefacientes, uso fraudulento de cartões de crédito), falsificação de documentos e apoio à imigração ilegal. Estas constituem importantes instrumentos de suporte e apoio ao terrorismo internacional.

Intimamente relacionados com a circulação de radicais islâmicos, está o fenómeno dos chamados “casamentos brancos”. Eles permitem a legalização fraudulenta de cidadãos de origem islâmica no espaço europeu através de casamentos com cônjugues portugueses ou com pessoas que tenham o passaporte no espaço Schengen, na sua maioria mulheres. Esta situação tem assumido contornos preocupantes no nosso país, registando um aumento em flecha nos últimos cinco anos. Portugal é frequentemente utilizado como país de trânsito ou de destino, bem como centro privilegiado de recrutamento de nubentes. Foram detectadas redes compostas designada-

²⁰ MAI, *Relatório de Segurança Interna 2002* (em http://www.portugal.gov.pt/NR/rdonlyres/D647FC0B-3123-4A46-BB3D-CC6AAB4B0E15/0/RelSegInt_2002.pdf), p. 137.

mente por marroquinos, paquistaneses e egípcios, cuja presença é cada vez mais significativa.

Como se constatou, a al-Qaeda mostrou já a sua capacidade de adaptação, estando em constante mudança e evolução. Assim sendo, também as políticas e respostas à ameaça deverão ser regularmente revistas, actualizadas e ajustadas. O contexto internacional e a alienação das populações muçulmanas no mundo ocidental são componentes fundamentais da propagação da ideologia *jihadista*, propiciadora de recrutamento ideológico pela al-Qaeda. É notório que, em alguns países, o recrutamento tem vindo a intensificar-se e que desde 2001 o terrorismo jihadista passou de ameaça externa a fenómeno interno. Uma estratégia efectiva de combate a este movimento terá que incluir instrumentos militares, de informação, financeiros, políticos, legais e sociais. A prioridade deverá consistir no ataque à sua ideologia e ao seu discurso, pela importância vital que têm demonstrado. Alterar a percepção dos Muçulmanos europeus em relação ao Ocidente e promover a sua integração, são também desafios fundamentais para o futuro de uma Europa multicultural.

UAL, 12 de Março de 2008